

A construção do eu lírico nas canções de Chico Buarque: as diferentes críticas à Ditadura Civil-Militar brasileira

Larissa Silva¹
(Orientador: Prof. Roberto Gava²)

Resumo: A pesquisa tem como objetivo compreender de que forma a construção do eu lírico nas canções “Apesar de Você”, “Roda Viva” e “Meu Caro Amigo”, de Chico Buarque, contribui para as diferentes críticas tecidas pelo autor à Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985). A análise aponta que cada canção constrói uma voz poética distinta, associada a um posicionamento específico frente ao regime: em “Apesar de Você” o eu lírico assume um papel de porta-voz do povo brasileiro; em “Roda Viva” ele dialoga com a população; já em “Meu Caro Amigo” ele discorre sobre a experiência dos civis durante a ditadura.

Palavras-Chave: Ditadura Militar brasileira; Chico Buarque; Música de protesto; Eu lírico; Censura.

Abstract: The study aims to understand how the construction of the poetic voice in Chico Buarque's songs “Apesar de Você,” “Roda Viva,” and “Meu Caro Amigo,” contributes to the various criticism the author levels against the Brazilian Civil-Military Dictatorship. The analysis indicates that each song constructs a distinct poetic voice associated with a specific stand toward the regime: in “Apesar de Você,” the poetic voice assumes the role of a spokesperson for the Brazilian people; in “Roda Viva,” it engages in a dialogue with the population; in “Meu Caro Amigo,” it reflects on the civilian experience amid the dictatorship.

Keywords: Brazilian Dictatorship; Chico Buarque; Protest song; Poetic voice; Censorship.

1. Introdução

A Ditadura Militar brasileira (1964-1985) corresponde ao regime autoritário estabelecido pelas forças armadas do país e marcado pela violenta repressão de opositores e suspensão de direitos democráticos. Esse período é, de acordo com Bechara; Rodrigues (2015), dividido em grandes cinco períodos. Dentre estes, destaca-se o de *consolidação*, entre 1969 e 1974. Essa foi a época do governo de Emílio Garrastazu Médici, que colocou em prática o Ato Institucional n.º 5 (AI-5). Nesse período “a tortura, os desaparecimentos de presos políticos, a censura prévia e o cercamento do debate político cultural atingiram seu ponto máximo” (Napolitano 2014, p. 6).

No entanto, a despeito da repressão, uma das grandes formas de resistência da população durante o Regime Militar foi a música de protesto (Rosa, 2017). Muitos artistas apoiaram-se na linguagem metafórica em suas composições,

1. Aluna do 3º ano do Ensino Médio da Beacon School.

2. Formado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

construindo críticas veladas ao sistema ditatorial, para se esquivar da censura e ter sua obra levada a público. Chico Buarque esteve entre tais autores, se tornando um dos mais perseguidos da época, chegando a usar pseudônimos e até se autoexilar para desviar-se do sistema ditatorial. Márcio Pinheiro (2021) menciona que o autor esteve, durante todo o período, dentro da “lista negra” dos censores.

Ainda nas palavras de Marcos Napolitano:

Em Chico Buarque, a política surge como uma condição existencial e perpassa todas as esferas da vida privada e pública, sintetizando uma experiência do tempo que oscila entre a melancolia crítica e a euforia irônica (Napolitano, 2010).

A partir disso, entende-se que, nesse período, a obra de Buarque esteve diretamente ligada às suas experiências envolvendo o sistema político vigente, tornando a música uma fonte crucial para compreender a gravidade da Ditadura Militar. Entretanto, embora se baseie em vivências pessoais, a voz que fala em suas canções nem sempre é autobiográfica. Essa voz “guarda a devida distância da figura do autor” (Grando, 2017), sendo formada a partir de narrativas específicas para cada canção. Sendo assim, o estudo da obra buarqueana durante o período ditatorial ultrapassa o mero entendimento de sua mensagem.

Compreender o que foi comunicado através das canções é também incorporar uma visão crítica sobre a história da Ditadura, expondo o sofrimento da população.

Sob esta ótica, surge a finalidade investigativa do presente trabalho, que visa responder à seguinte questão: de que forma a construção do eu lírico nas canções “Apesar de Você”, “Roda Viva” e “Meu Caro Amigo”, de Chico Buarque, contribui para a crítica feita pelo autor à Ditadura Militar brasileira?

1.1 Objetivos

O objetivo geral do trabalho é compreender como Chico Buarque relaciona a forma e o conteúdo das canções a serem analisadas, isto é, de que forma a relação entre o eu lírico e seu interlocutor em cada canção contribui para a crítica tecida pelo autor ao governo ditatorial vigente na época. Mais especificamente, a pesquisa visa discutir a importância de cada construção específica do eu lírico para alcançar uma crítica social em particular e como a diversidade de vozes líricas amplia a mensagem de Chico Buarque, evidenciando a Ditadura sob múltiplas perspectivas.

.2 Metodologia

Para responder à pergunta norteadora, foi conduzida a análise de cada uma das canções. O primeiro passo foi destacar os recursos que determinam o locutor (verbos e pronomes) em cada uma das músicas, para então examinar as intenções do autor com cada passagem. Um documento dividido em tópicos foi criado para comparar as situações comunicativas e as vozes poéticas das músicas. Por fim, a análise pessoal da obra foi comparada com diversas fontes secundárias, elaboradas desde graduandos em Letras até especialistas em Estudos da Linguagem.

2. Apesar de Você: o eu lírico fala *por*

Chico Buarque compôs “Apesar de Você”, durante a temporada de seu autoexílio na Itália e lançou a canção após retornar ao Brasil, em 1970. A época da publicação coincidiu com o momento do auge da propaganda do governo Médici e das primeiras notícias sobre perseguição política, desaparecimento e tortura de pessoas contrárias ao regime (Cordeiro, 2009). Embora tenha sido censurada no ano seguinte ao seu lançamento, “Apesar de Você” já se fazia conhecida nacionalmente, com mais de 120 mil exemplares do compacto vendidos.

Permeada por simbolismos e uma linguagem metafórica para driblar a censura, “Apesar de Você” não só denuncia a indignação popular acerca da Ditadura, como também expressa a mensagem esperançosa de um futuro melhor, estabelecendo uma oposição entre o “hoje” sombrio e o “amanhã” iluminado.

Em primeiro lugar, é possível notar que o eu lírico evidencia, logo de início, para quem a canção é endereçada (Aparecida Cesário; Batista Ferreira, 2023, p. 162). Um coro anuncia, na primeira estrofe, que “Amanhã vai ser outro dia”, seguido pelos versos “Hoje você é quem manda / Falou ‘tá falado / Não tem discussão, não”. O pronome de tratamento “você” revela que a canção tem um remetente específico: os militares, aqueles com poder autoritário suficiente para excluir o povo de qualquer participação política, visto que “Não tem discussão”. Apesar disso, ao ser submetido a um interrogatório pelos censores, Buarque declarou, com muito cinismo, que este “você”, na verdade, se tratava de “uma mulher muito mandona, muito autoritária” (Pinheiro, 2024, p. 61).

Logo em seguida, este eu lírico esclarece a sua posição. Os versos “A minha gente hoje anda falando de lado / E olhando pro chão, viu” sugerem que o eu poético assume um papel de representante da população, usando o pronome possessivo “minha” para afirmar que este grupo é regido por ele, ao mesmo tempo em que se insere nessa comunidade. Essa é também uma forma de se diferenciar do governo militar, que remove o povo da participação política, como mencionado anteriormente, mostrando que esse representante advoga pelas necessidades dos brasileiros.

A posição do eu lírico enquanto regente é reafirmada durante a canção. Na terceira estrofe, por exemplo, o emissor confronta o receptor, dizendo: “Eu pergunto a você onde vai se esconder”. Dessa forma, ao usar somente o pronome pessoal na primeira pessoa do singular, excluindo o restante dos brasileiros, ele sugere que é o único apto para enfrentar os militares, estando a frente do grupo. Depois, usando a expressão de coletividade “a gente” em “E a gente se amando sem parar”, o eu lírico volta a se referir ao grupo, indicando que, apesar de enfrentar o inimigo individualmente, suas intenções continuam a visar o bem comum.

Além disso, nos versos “Quando chegar o momento, esse meu sofrimento / vou cobrar com juro, juro”, da quarta estrofe da canção, o eu lírico expõe um sentimento de dor individual, a partir do pronome possessivo “meu”. No entanto, esse sentimento pode ser interpretado como coletivo, já que os civis compartilham da mesma frustração e da mesma angústia abordadas pelo locutor. Essa interpretação é comprovada pelo fato de que o coro acompanha a voz principal, em tom de confirmação.

Nesse viés, considerando a relação estabelecida entre o eu lírico, o receptor e a população, pode-se compreender qual o cenário construído e retratado pela música. Como citado anteriormente, “Apesar de Você” conta com um coro que acompanha a canção. Este anuncia o refrão – “Apesar de você / Amanhã há de ser outro dia” – e também canta em conjunto da voz principal de Chico Buarque em outras passagens. Assim, nota-se que o coro apoia o posicionamento do eu lírico. Rodrigues Rosell

(2014) observa que a mensagem de coletividade fica ainda mais clara com o expediente *fade-in*³ no início da canção, que demonstra o constante acréscimo de vozes a esse canto.

Nesse contexto, Buarque elabora para os ouvintes um cenário que se assemelha a uma situação de protesto, em que o eu lírico fala em oposição aos militares, sendo o porta-voz da multidão que aprova sua conduta. Por meio do ritmo leve e animado da música, a cena também pode ser associada a uma celebração, na qual a população comemora a possibilidade de um futuro mais feliz e desvinculado do Regime Militar.

Desse modo, representante e multidão expõem a perversidade da Ditadura e o desejo pela redemocratização do país. Por esse prisma, cabe analisar a segunda estrofe da canção:

Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar (Buarque, 1978).

Primeiramente, é necessário destacar que a passagem “Você que inventou esse estado” é ambígua, pois a palavra “estado” pode ser interpretada tanto como um sinônimo de “condição” – nesse caso, o *estado de tristeza* dos civis –, quanto como uma referência à criação de um sistema político – o *Estado autoritário*.

Ademais, o trecho seguinte “Inventou de inventar toda a escuridão / Você que inventou o pecado / Esqueceu-se de inventar / O perdão” destaca a impiedade dos militares através da repetição do verbo “inventar”, deixando claro que se baseiam na criação de leis que apenas ferem a sociedade. É provável que também esteja fazendo alusão ao Ato Institucional número 5, que suspendeu direitos políticos dos civis – inventando o “pecado” – e interrompeu o *habeas corpus* – retirando o “perdão”.

Conforme Aparecida Cesário; Batista Ferreira (2023), a estrofe traz à tona o seguinte questionamento: como os militares irão lidar com as reações populares durante manifestações. Quando da volta da democracia, virá a perda de poder dos militares, com as devidas consequências.

Assim, é possível perceber que a construção do eu lírico em “Apesar de Você” corrobora a crítica intencionada pelo autor acerca da Ditadura ao constituir um símbolo de resistência ao Regime. Esse aspecto reforça o sentimento de desejo pelo fim da Ditadura Militar, incentivando a nação a lutar contra ela.

3. Recurso sonoro utilizado para aumentar o volume da música progressivamente, desde o silêncio até o volume desejado.

3. Roda Viva: o eu lírico fala *com*

A canção “Roda Viva” foi escutada pela primeira vez diretamente dos palcos: foi apresentada ao vivo por Chico Buarque em 1967, durante o III Festival da Record⁴ e foi um sucesso, ganhando o terceiro lugar da competição.

No entanto, “Roda Viva” já fazia parte do roteiro da peça musical de mesmo nome, também roteirizada por Chico Buarque, que chegou a público no ano seguinte. A peça aborda a trajetória de um músico que muda de nome para agradar à audiência, uma crítica à manipulação dos artistas pela indústria. Certamente, não é o caso de considerar que a metáfora da canção era “orgânica, real, e nunca uma metáfora ligada ao momento político ou social brasileiro” (Fonseca, 2021). O claro vínculo da música com o Regime Militar foi estabelecido a partir de 18 de julho de 1968, quando integrantes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) invadiram o Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, no qual “Roda Viva” havia sido apresentada, agrediram artistas e destruíram cenários e figurinos da peça.

A mensagem conferida à canção se relaciona ao sentimento de impotência e desespero da população perante o horror causado pelo Regime Militar. A “roda-viva”, que dá título à música, é sua personagem central, a antagonista. A canção menciona que ela controla tanto aspectos tangíveis – as rodas de samba, a viola –, quanto abstratos – a saudade, o destino –, aludindo ao poder da Ditadura, que afetava a sociedade física e psicologicamente. Além disso, o tom melancólico da música contribui para a criação de uma atmosfera nostálgica, da felicidade do passado em comparação com a frustração do presente.

Antes de tudo, cabe analisar a representação do eu lírico na música. A locução pronominal “a gente” é usada logo no primeiro verso da canção (“Tem dias que a gente se sente”), estabelecendo imediatamente o tom de coletividade que permeia toda música. A mesma expressão é repetida mais cinco vezes durante a letra, enfatizando a intenção do autor de aproximar locutor e interlocutor ao somar o sentido de coletividade à informalidade – seria diferente, por exemplo, se ao invés de “a gente” o autor usasse o pronome na primeira pessoa do plural “nós”, conferindo mais formalidade à frase.

A estrofe continua explicitando o sentimento de impotência desse grupo, do qual o eu poético faz parte, com os versos: “Como quem partiu ou morreu / A gente estancou de repente / Ou foi o mundo então que cresceu”. Costa da Silva (2021) afirma que a voz lírica demonstra “desejo de retorno ao passado libertador”. Todavia, as escolhas verbais de Buarque demonstram que a vontade do eu lírico não se limita à volta do passado, mas também ao progresso da sociedade – progresso este que se impossibilita, já que a população se encontra “estancada”, sem poder fazer nada a respeito da situação angustiante da Ditadura. Essa era a realidade dos cidadãos frente à repressão e à censura, impedidos de tomar atitudes significativas contra o regime.

Apesar disso, certas passagens da canção ainda possuem marcas de pronomes na primeira pessoa do singular. Um exemplo disso são os versos “Não posso fazer serenata / A roda de samba acabou” presentes na quinta estrofe da canção. O locutor descreve, de maneira metafórica, a sua insatisfação com a falta de liberdade de expressão, ao ser impedido de “fazer serenata”, de manifestar seus pensamentos e emoções através da arte.

No entanto, embora essa seja uma experiência individual, o eu poético logo a relaciona a uma experiência coletiva, no trecho “A gente toma a iniciativa / Viola na rua, a cantar / Mas eis que chega a roda-viva / e carrega a viola pra lá”, em que a

4. Concurso de músicas que aconteceu anualmente na década de 60, que exigia canções inéditas durante sua transmissão.

expressão “a gente” é retomada. Nesse trecho, a palavra “viola” é usada de forma ambígua, referindo-se ao substantivo que nomeia o instrumento, mas com possível alusão ao presente do verbo “violar”. Destarte, compreende-se que, por mais que a população tentasse resistir à repressão, tinha novamente sua liberdade violada pela “roda-viva”.

Também é crucial citar que “Roda Viva” foi gravada em conjunto com o quarteto MPB4, que canta grande parte da música como um coro. No entanto, nesse caso, o coro também interpreta a canção de forma autônoma, sem o acompanhamento da voz de Chico Buarque. Além disso, em algumas passagens, os versos se alternam entre as vozes de Buarque e do MPB4. Essa dinâmica é muito importante para a construção do cenário proposto pela canção, que se assemelha muito a um diálogo – primeiro uma parte fala, depois a outra, como se parassem para se “escutar”. Esse aspecto reforça a representação do eu lírico enquanto parte da nação, alguém igual a todos os civis, que partilha das mesmas dores e as compreende claramente, gerando identificação com o ouvinte.

No que corresponde à relação entre emissor e receptor na canção, é possível notar que ela se alterna, considerando a situação de diálogo analisada. Isso porque, o emissor é ora o coro, ora a voz solo, fazendo com que esses papéis se intercalem – quando uma assume o papel de emissor, a outra assume o de interlocutor. Ademais, é necessário também considerar a função de interlocutor do próprio público, que, apesar de ser uma terceira parte ouvindo a “conversa”, também se inclui na situação descrita pela canção. Essa é, claramente, uma estratégia de Chico Buarque para aproximar a audiência de sua mensagem, fazendo com que se sinta escutada e incorporada na discussão, diferentemente de como era tratada pela Ditadura.

Diante disso, é possível compreender a quem a canção é destinada. Já que não há marcas de pronomes de tratamento em momento algum da canção, é possível afirmar que o locutor da música não se refere a alguém específico. É como se as suas declarações fizessem parte de um grande “desabafo”, levando em consideração a situação comunicativa da canção. Assim, conclui-se que o locutor da música é a própria população brasileira, que se identifica com o eu lírico.

Dessa forma, percebe-se que a posição de maior proximidade entre locutor e interlocutor é um artifício usado por Chico Buarque para gerar na audiência um senso de maior reconhecimento com a mensagem transmitida. Essa estratégia, então, confere mais credibilidade às críticas feitas pelo autor, considerando que se baseiam em experiências comuns, ao invés de vivências exclusivas de determinado grupo.

4. Meu Caro Amigo: o eu lírico fala sobre

A canção “Meu Caro Amigo” é uma das faixas do disco “Meus Caros Amigos”, lançado em 1976. O principal objetivo da canção era transmitir um recado de um amigo para outro, em uma espécie de carta. O receptor do texto era o dramaturgo e amigo de Chico Buarque, Augusto Boal, que estava exilado em Portugal e recebia poucas notícias do Brasil. Por isso, pediu para que o compositor lhe enviasse novidades sobre o país. Assim, Buarque enviou a Boal a letra da música por escrito, acompanhada de uma fita com uma melodia criada por Francis Hime.

Desse modo, “Meu Caro Amigo” expõe a perspectiva de uma pessoa comum acerca do Regime Militar. A canção revela o panorama político do país, ao mesmo tempo que alerta o amigo – que observa a situação do lado de fora da nação – sobre os perigos e medos vivenciados pela população na época.

Assim, cabe analisar o locutor da mensagem. Embora se insira em um contexto não-fictício – tendo em vista que a canção foi, de fato, enviada a Boal –, também deve-se levar em consideração as escolhas autorais de Buarque enquanto compositor da canção. Isso porque, uma vez que é levado a público, o conteúdo passa a possuir teor performativo. De acordo com Grando (2017):

Descolada da figura do poeta, a voz lírica é uma entidade puramente textual cuja função é tornar possível a existência do poema enquanto texto, organizando não só o enunciado, mas também os pontos de vista e as vozes secundárias que porventura apareçam na sua estruturação discursiva (Grando, 2017, p. 25).

Por causa disso, o eu lírico ultrapassa a função de representar o ponto de vista do autor acerca da Ditadura, se tornando um personagem independente. Pode-se afirmar que o locutor é um representante da dor de toda a nação, por meio da exposição de suas angústias individuais, o que torna o eu poético em um personagem metonímico, já que representa uma parte (como indivíduo brasileiro) pelo todo (a população do Brasil).

Com relação ao receptor da mensagem, também pode-se perceber que, assim como o eu lírico que ultrapassa a perspectiva de Chico Buarque, o receptor também supera a posição de remetente de Augusto Boal. Através dos versos “Meu caro amigo, eu bem queria lhe escrever / Mas o correio andou arisco”, o autor faz alusão às interceptações de cartas, comuns no período ditatorial, criticando como o Regime sustava a privacidade do povo.

É possível observar que apesar de mencionar “Mas acontece que não posso me furtar / A lhe contar as novidades”, o eu lírico acaba compartilhando informações cotidianas (“Aqui na terra, tão jogando futebol / Tem muito samba, muito choro e rock’n’roll / Uns dias chove, noutros dias bate sol”). De acordo com Souza de Castro; Santor (2011), tal elemento evidencia que o eu lírico procura por “alguma novidade do cenário político nacional, porém esbarra na mesmice dos acontecimentos”. No entanto, também é possível inferir que esta escolha tenha outro propósito: demonstrar que, por medo de ser escutado pelo Estado, o eu lírico omite informações e análises pessoais acerca do cenário político em que se insere. Desse modo, o emissor faz críticas veladas à Ditadura, como se denunciasse ao interlocutor a gravidade da situação do país (como em “Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta”). Depreende-se, então, que a intenção do eu lírico é ser escutado não apenas por seu amigo, mas por todos aqueles que estão de fora do país e que podem contribuir com a oposição ao Regime Militar, tornando o interlocutor em uma audiência mais ampla.

Ademais, é possível afirmar que as declarações contidas na canção possuem teor mais individual. Apesar de se tratar de uma música, a letra possui elementos típicos do formato de carta, como a saudação “Meu caro amigo”, no primeiro verso e a despedida “adeus”, no último verso. Nesse viés, segundo Bettiol (2016), na carta, o emissor fala de si, e registra suas impressões – o que é observado em todo conteúdo de “Meu Caro Amigo”. Contudo, apesar de ser um texto pessoal, que trata das experiências do próprio eu lírico, também faz referência às vivências coletivas.

Tal desenvolvimento (entre uma experiência individual que pode ser aplicada à coletividade) é observada na terceira estrofe da canção. Nesta, o eu lírico cita que durante aquela época existia “Muita mutreta pra levar a situação”, que, até esse ponto, se trata de uma leitura pessoal acerca daquele momento. No entanto, os próximos versos “Que a gente vai levando de teimoso, de pirraça” levam em consideração o

restante dos brasileiros na análise. A ideia de levar a conjuntura “de teimoso, de pirraça” é metafórica, remetendo à resistência popular à Ditadura, ainda que seja um ato silencioso.

Sob a mesma perspectiva, o verso “É pirueta para ganhar o ganha-pão”, da sexta estrofe da canção, se refere a uma visão específica do eu lírico, que sente dificuldade em continuar a trabalhar dado o cenário ditatorial. Já o trecho seguinte “Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro” faz com que esta situação ultrapasse a vida do eu poético e se torne comum para todas as pessoas. Ele sugere que toda a população precisa se esforçar mais do que o habitual para suprir suas necessidades financeiras, ao mesmo tempo que desafia o Regime Militar “só de birra, só de sarro”, como se, ao superar esses desafios, mostrasse que também era capaz de superar a própria Ditadura.

Dessa forma, nota-se que “Meu Caro Amigo” constitui um recorte populacional mais específico ao ilustrar as críticas de um único civil acerca do Regime Militar, ao invés de evidenciar a perspectiva generalizada de todo o país. Assim, a construção dessa voz lírica é capaz de fortalecer a opinião transmitida sobre o governo autoritário, ao passo que fornece ao interlocutor a concepção de um cidadão que é diretamente afetado por ela.

5. Conclusões

Em conclusão, a pesquisa permitiu delimitar que a construção de diferentes eus poéticos em cada uma das músicas é crucial para reforçar suas diferentes mensagens. Cada uma das canções possuem polos expressivos únicos – “Apesar de Você” expressa indignação e esperança por um futuro melhor; “Roda Viva” aborda o sentimento de impotência de toda a população, enquanto “Meu Caro Amigo” evidencia o impacto da Ditadura na vida diária dos brasileiros – e seus eus líricos são estruturados para refletir esses polos. A nostalgia do emissor de “Roda Viva”, causada pelo início do Regime, não se encaixaria bem no tom eufórico de “Apesar de Você”, que antecipa a celebração da volta da democracia, por exemplo.

De forma semelhante, as situações comunicativas das canções também não são as mesmas, permitindo que Chico Buarque levasse a atenção do público para diferentes aspectos da Ditadura. Como mencionado, “Apesar de Você”, em que o cenário retratado se aproxima de um protesto, endereça um sentimento de tristeza compartilhado por toda a nação, mas não cita violências específicas (com a intenção de driblar o sistema de Censura). Já “Roda Viva” e “Meu Caro Amigo”, partindo de situações comunicativas mais pessoais – diálogo e fita cassete, respectivamente –, possibilitaram alusões a adversidades menos abrangentes da população, como a falta de privacidade e a censura moral.

Além disso, foi possível perceber que existiram, em todas as canções, duas camadas diferentes envolvendo as relações entre locutor e interlocutor. A primeira se refere ao elo entre o eu lírico e locutor a quem a canção se dirige – como os civis e os militares, em “Apesar de Você” –, enquanto a segunda se refere ao elo entre o eu lírico e público da própria música, ou seja, seus ouvintes. A partir dessa ótica, é possível estabelecer uma gradação entre os níveis de proximidade entre locutor e ouvinte presentes nas canções: o eu lírico de “Roda Viva” fala *com* os brasileiros e, em “Meu Caro Amigo”, *sobre* eles – ambos visando gerar proximidade e identificação –, enquanto “Apesar de Você” fala *pelos* brasileiros – como forma de denunciar aquilo que não são capazes de dizer devido à repressão.

Assim, foi possível compreender que as diferentes construções de eu lírico nas músicas analisadas cumprem diferentes papéis, objetivando formar diferentes críticas à Ditadura Militar brasileira. Assim, nota-se que a obra de Chico Buarque ultrapassa a função de entreter, revelando o compromisso da literatura em retratar, denunciar e conscientizar a população sobre questões sociais.

6. Referências bibliográficas

APARECIDA CEZARIO, M.; BATISTA FERREIRA, K. Crítica política e social na ditadura militar brasileira. *Revista Discente Offícios de Clio*, v. 8, n. 14, p. 157–169, 17 out. 2023.

APESAR de Você. Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Francisco Buarque de Hollanda. In: CHICO BUARQUE. Intérprete: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Philips Records, 1978. 1 CD, faixa 11 (3 min 54 s).

BECHARA, G. N.; RODRIGUES, H. W. Ditadura militar, atos institucionais e poder judiciário. *Revista Justiça do Direito*, v. 29, n. 3, 10 dez. 2015.

BETTIOL, M. Mário de Andrade e a especificidade do gênero epistolar: o esboço de uma teoria. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 65, p. 227, 31 dez. 2016.

CORDEIRO, J. M. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 22, p. 85–104, 1 jun. 2009.

COSTA DA SILVA, T. Uma análise semiolinguística da canção “Roda-Viva”: uma crítica política à ditadura militar. [S.l.: s.n.]. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxiv_CNLF/completos/uma_analise_THIAGO.pdf. Acesso em: 24 maio 2025.

FONSECA, S. Roda Viva e suas interpretações. Disponível em: <https://revistaguaru.unifesp.br/ensaio/roda-viva-e-suas-interpreta%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 12 maio 2025.

GRANDO, D. Muito além do eu lírico: considerações em torno da voz em poesia. *Scriptorium*, v. 3, n. 1, p. 14, 31 dez. 2017.

NAPOLITANO, M. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982). *Estudos Avançados*, v. 24, n. 69, p. 389–402, 2010.

NAPOLITANO, M. 1964: história do regime militar brasileiro. [S.l.]: Editora Contexto, 2014.

PINHEIRO, M. O que não tem censura nem nunca terá. [S.l.]: L&PM Editores, 2024.

ROSA, I. A influência do período de ditadura militar nas canções de repressão de Chico Buarque. Utfpr.edu.br, 2017.

ROSELL, M. R. O projeto frustrado de Apesar de Você: a canção de Chico Buarque e o processo de redemocratização brasileiro. *Epígrafe*, v. 1, n. 1, p. 117, 10 nov. 2014.

SOUZA DE CASTRO, B.; SANTOR, F. “Meu Caro amigo” e suas raízes: uma análise semiótica. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0865-1.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2025.

Recebido para publicação em 02-09-26 aceito em 24-09-26